

**UNIVERSIDADE PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS
INSTITUTO DE ESTUDOS TECNOLÓGICOS E SEQUENCIAIS DE JUIZ DE FORA
CURSO DE TECNOLOGIA EM MEIO AMBIENTE**

WESLEY LIMA LEANDRO

ESPÉCIES AMEAÇADAS DE EXTINÇÃO NA MATA ATLÂNTICA

Juiz de Fora

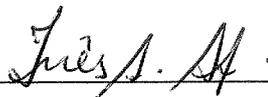
2010

**UNIVERSIDADE PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS
INSTITUTO DE ESTUDOS TECNOLÓGICOS E SEQUENCIAIS DE JUIZ DE FORA
CURSO DE TECNOLOGIA EM MEIO AMBIENTE**

WESLEY LIMA LEANDRO

ESPÉCIES AMEAÇADAS DE EXTINÇÃO NA MATA ATLÂNTICA

Monografia apresentada no curso de Tecnologia em Meio Ambiente, da Universidade Antônio Carlos - Instituto de Estudos Tecnológicos e Sequenciais de Juiz de Fora, à Professora Mestra Inês Afonso, pelo aluno Wesley Lima Leandro, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Meio Ambiente.



Inês Afonso

Juiz de Fora

2010

'Dedico aos meus pais, irmãos, amigos e ao
coordenador do curso Humberto Chiani'

AGRADECIMENTOS

À professora Inês Afonso minha gratidão e meu carinho por ter acompanhado passo a passo todo o trajeto de minha monografia - com a dedicação, a firmeza e a delicadeza que lhe são peculiares; assinalando minhas falhas e desvios, apontando-me soluções.

Aos meus colegas, aos professores e a minha família por terem me apoiado e contribuído nas horas de alegrias e nas horas difíceis.

E, acima de tudo, e em especial, a Deus pelas muitas graças que recebi ao longo de toda esta caminhada.

RESUMO

O objetivo desse trabalho é apontar a ameaça de extinção da fauna brasileira na Mata Atlântica; tal bioma - que conta com variadas espécies tanto na fauna, quanto na flora, sendo considerado um dos mais importantes conjuntos de ecossistemas do planeta - possui atualmente cerca de 5% de sua extensão original, figurando como um dos mais ameaçados de extinção da atualidade. Devido a estes dados e a sua extrema importância para o planeta, sua preservação é de suma importância, não só por sua rica biodiversidade, mas para o equilíbrio da vida Planeta.

Palavras chave: Extinção; Mata Atlântica; Fauna.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	iii
AGRADECIMENTOS	iv
RESUMO	v
SUMÁRIO	vi
1 – INTRODUÇÃO	07
2 – PADRÕES DE EXTINÇÃO	08
3 – CRITÉRIOS PARA AVALIAR A EXTINÇÃO	08
4 – TIPOS DE EXTINÇÃO	09
5 - CATEGORIAS DE AMEAÇA DE EXTINÇÃO	10
6 – IMPORTÂNCIA DA FAUNA SILVESTRE	11
7 – MATA ATLÂNTICA	11
7.1 – Prejuízos e benefícios decorrentes da destruição ou preservação dessa formação vegetal no Brasil, sob o ponto de vista Ecológico Evolutivo	12
8 – ESPÉCIES AMEAÇADAS DE EXTINÇÃO OU JÁ EXTINTAS NA MATA ATLÂNTICA BRASILEIRA	13
8.1 – MICOS	13
8.1.1 – Apresentação	13
8.1.2 – Biologia <i>Leontopithecus</i>	15
8.1.3 – Ameaças	17
8.2 – Onça Pintada	17
8.2.1 – Apresentação	17
8.2.3 – Biologia	18
8.2.3 – Ameaças	20
8.4 – Tatu-canastra	20
8.4.1 – Apresentação	20
8.4.2 – Biologia	21

8.4.3 – Ameaças	22
8.5– Arara-azul-pequena	22
8.5.1 – Apresentação	22
8.5.2 – Biologia	23
8.6 – Libélula	24
8.6.1 – Apresentação	24
8.6.2 – Biologia	24
8.6.3 – Ameaças	25
CONCLUSÃO	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	27

1. INTRODUÇÃO

No seguinte trabalho, propusemos-nos levantar alguns dados sobre a situação das *ESPÉCIES AMEAÇADAS DE EXTINÇÃO DA MATA ATLÂNTICA BRASILEIRA*.

Inicialmente, achamos útil a caracterização da utilização do termo extinção, devido sua grande repercussão e veiculação em todos os meios de comunicação.

Extinção, segundo dicionário Aurélio: ato ou efeito de extinguir-se, abolição, supressão (AURÉLIO, 2008p.391). Mas, segundo estudiosos na área de Ecologia, os quais seguiremos neste trabalho; *significa o desaparecimento por completo de uma espécie, subespécie ou grupo de espécies, ou seja, varrição da face do planeta e que não sobraram dois exemplares vivos para se reproduzir e garantir a continuidade da espécie.* (ciencia.hsw.com.br/extincao-animais2.htm).

Neste conceito, existem várias causas para a extinção de seres vivos. As mais conhecidas são a caça, sobre-pesca, destruição de habitat, poluição, introdução de novos predadores e, inclusive, o tráfico de animais. Existe também a forma menos conhecida causada pelo homem, mas com grande impacto sobre os ecossistemas originais, que é a introdução de espécies exóticas (ciencia.hsw.com.br/extincao-animais2.htm).

A extinção também é uma questão de escala Geográfica. Pode ser *Global*, ou seja, uma espécie desapareceu por completo de toda biosfera terrestre, ou *Local*, desaparecendo somente naquela região, não sumindo da biosfera terrestre (ciencia.hsw.com.br/extincao-animais2.htm). Em estudos de extinção, os ecologistas, biólogos, ambientalistas e governos estão preocupados com a extinção de espécies devido à intervenção humana (ciencia.hsw.com.br/extincao-animais2.htm).

Neste trabalho destacamos algumas espécies da fauna da Mata Atlântica Brasileira catalogadas como ameaçadas de extinção. Lembrando que a lista mais completa de espécies ameaçadas de extinção é elaborada pela *Internacional Union For Nature Conservation* (União Internacional para a Conservação da Natureza) (IUNC, 2007).

Também, para o presente trabalho, utilizou-se como fonte de pesquisa das espécies ameaçadas da Mata Atlântica o livro *100 animais ameaçados de extinção no Brasil – e o que você pode fazer para evitar* (EDIOURO, 2008) - nesta obra são citadas algumas espécies catalogadas sob ameaça de extinção, ou que já foram extintas da Mata Atlântica Brasileira.

2. PADRÕES DE EXTINÇÃO

Apesar de geralmente se estimar que mais de 99% das espécies que já viveram estejam extintas (ROMER 1949; SIMPSON 1952), pouco se sabe sobre as causas diretas da extinção, mesmo de espécies que se extinguiram no tempo histórico (SIMBERLOFF 1986). Certamente, mudanças tanto no ambiente físico, como no ambiente de uma espécie podem causar a extinção, mas a importância relativa dos vários fatores é desconhecida (FUTUYMA, 1942. p.379).

Neste sentido, mudanças no ambiente físico e no ambiente de uma espécie, SIMPSON (1953) E WILLIAMS (1975) mostraram que extinções podem variar em tipo, dependendo da forma de mudança ambiental. Algumas mudanças, tais como erupções vulcânicas, simplesmente não podem ser consideradas como mudanças evolutivas. Poderia haver sobrevivência, em princípio, a outras mudanças através de genótipos resistentes, mas elas podem ocorrer tão rapidamente e em tal magnitude que não há tempo para tais genótipos surgirem (FUTUYMA, 1942. p.380).

No entanto, muitas mudanças ambientais que causam a extinção não evocam qualquer resposta adaptativa, simplesmente porque não impõem qualquer pressão seletiva nova. Portanto, a espécie está sempre sob pressão para expandir seu nicho, mas não pode fazê-lo. Se o recurso dominante diminui, a população decresce e os indivíduos morrem a uma taxa maior pela mesma razão que antes. A causa da mortalidade, à qual a espécie está tão adaptada quanto possível, permanece a mesma – portanto, não há seleção para novos genótipos, mesmo que o recurso se torne tão raro que a população se torne extinta (FUTUYMA, 1942. p.380).

3. CRITÉRIOS PARA AVALIAR A EXTINÇÃO

A lista de animais em extinção mais completa do mundo, como já citado, é a elaborada pela *International Union for Nature Conservation* (IUNC), ou União Internacional para a Conservação da Natureza . Nesta lista, publicada desde os anos 90, estão desde as espécies extintas, classificadas como (EX) até as que não sofrem ameaças diretas a sua sobrevivência, conhecidas como segura ou pouco preocupante (LC) (ciencia.hsw.com.br/extincao-animais2.htm).

Neste campo de pesquisa, existe uma série de critérios científicos para elaboração da lista de espécies ameaçadas, como por exemplo, a análise da população daquela espécie em

escala global, ou seja, a presença daquela espécie no planeta. Mas não é só isso, para os seres vivos que se reproduzem de forma sexuada, a população é contada como o número de indivíduos em idade que possam procriar (ciencia.hsw.com.br/-extincao-animais2.htm).

Na análise de risco de extinção, o espaço de tempo entre as gerações também entra no cálculo do risco de uma espécie - quanto maior o espaço entre uma geração e outra, maior o risco de extinção. A diminuição ou aumento do número de indivíduos de uma espécie em idade reprodutiva é outro critério usado para o cálculo dos riscos de extinção. Assim como as flutuações extremas no número de indivíduos, fragmentação da população, extensão da ocorrência e área ocupada pela espécie entram na avaliação. Pessoas ou equipes de pesquisadores podem alimentar o banco de dados da União Internacional para a Conservação da Natureza (ciencia.hsw.com.br/extincao-animais2.htm).

Neste campo de pesquisa, referente ao banco de dados, não há consenso sobre os critérios de inclusão de uma espécie na lista das ameaçadas. Há uma interpretação corrente de que a preservação de espécies ameaçadas é incompatível com a exploração econômica do ambiente em que vivem, que deveria ser preservado como um santuário ecológico intocável (ciencia.hsw.com.br/extincao-animais2.htm). Isto é verdade em alguns casos extremos, mas não em todos. Cresce o número de propostas de uso econômico sustentável de habitat natural, combinando agricultura com preservação da cobertura vegetal e, portanto, da diversidade da flora e da fauna (ciencia.hsw.com.br/extincao-animais2.htm).

Deste modo, o estado de conservação de uma espécie é um indicador da probabilidade de que esta espécie ameaçada continue a existir. Os fatores usados nesta classificação incluem a amplitude de distribuição da espécie, o nível de ameaça a que está sujeita, a variação do tamanho da população, e outros (ciencia.hsw.com.br/extincao-animais2.htm).

4. TIPOS DE EXTINÇÃO

Uma espécie pode ser completamente destruída, estar ameaçada de extinção, ou não correr riscos. Uma espécie em extinção é uma espécie cujas populações estão decrescendo a ponto de colocá-la em risco (WILCOX, 1984).

Muitos países têm legislação que protege estas espécies, proibindo a caça e protegendo seu habitat, mas essa legislação tem se demonstrado insuficiente para evitar que um número crescente de espécies deixe de existir, sem que se tenha notícia deste fato (WILCOX, 1984). Os tipos de extinção são:

- de Fundo: é aquela que ocorre à medida que o ambiente se modifica. Nesse caso algumas espécies desaparecem e outras tomam lugares. Suas causas são naturais (WILCOX, 1984).
- em massa: é aquela resultante de catástrofes naturais gerando morte de grande número de espécies em uma área. Suas causas são naturais (WILCOX, 1984).
- antropogênica: é aquela que ocorre por ação do homem nos ambientes naturais gerando desaparecimento de uma ou de várias espécies em uma área. Sua causa é antropogênica, ou seja, o homem usa tecnologia (WILCOX, 1984).

5. CATEGORIAS DE AMEAÇA DE EXTINÇÃO

As categorias de ameaça sugeridas pelo setor acadêmico para enquadramento das Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção, a partir dos critérios internacionais utilizados pela União Mundial para a Natureza são (IUCN):

5.1 Extinto (EX): considera-se Extinto quando não se afirma que todos indivíduos dessa espécie morreram considera-se presumivelmente extinto quando após exaustivas tentativas, não foi possível encontrar nenhum indivíduo (IUCN).

5.2 Extinto na Natureza (EW): considera-se quando a espécie em causa é dada como existente apenas em cultivo, cativeiro ou como uma população naturalizada fora da sua anterior área de distribuição. Considera-se presumivelmente Extinto na natureza quando exaustivas tentativas, não foi possível encontrar nenhum indivíduo em habitat conhecido e potenciais, realizadas em toda a sua área de distribuição histórica (IUCN).

5.3 Criticamente em perigo (CR): um animal é considerado "criticamente em perigo" quando enfrenta um risco extremamente alto de extinção na natureza, ou seja, quando a redução do tamanho da população é maior ou igual a 90% durante os últimos 10 anos ou três gerações, ou quando a população é estimada em menos de 50 indivíduos adultos (IUCN).

5.4 Em perigo (EN): Um animal é considerado "em perigo" quando enfrenta um risco alto de extinção na natureza, ou seja, quando a redução do tamanho da população é maior ou igual a 70% durante os últimos dez anos ou três gerações, ou quando a população é estimada em menos de 250 indivíduos adultos (IUCN).

5.5 Vulnerável (VU): Um animal é considerado "vulnerável" quando enfrenta risco de extinção na natureza, ou seja, quando a redução do tamanho da população é maior ou igual a

50% durante os últimos 10 anos ou três gerações, ou quando a população é estimada em menos de 10.000 indivíduos adultos (IUCN).

5.6 Quase Ameaçado (NT): considera-se quase ameaçado quando não se classifica como criticamente em perigo, em perigo ou vulnerável, sendo no entanto provável que a espécie em causa venha atingir uma dessas categorias de ameaça num futuro próximo (IUCN).

5.7 Pouco preocupante (LC): considera-se pouco preocupante quando não se classifica como criticamente em perigo, em perigo, ou vulnerável, sendo a taxa de distribuição ampla e abundante (IUCN).

5.8 Informação insuficiente (DD): considera-se informação insuficiente quando não há toda a informação necessária para avaliar o seu risco de extinção, com base na sua distribuição e abundância, não sendo por isso encarada como uma categoria de ameaça (IUCN).

5.9 Não Avaliado (NE): considera-se não avaliado quando ainda não houve nenhuma avaliação de acordo com estes novos critérios (IUCN).

6. IMPORTÂNCIA DA FAUNA SILVESTRE

Como se sabe, a fauna silvestre tem importância fundamental no equilíbrio dos ecossistemas em geral, pois muitos animais são vitais à sua existência e de muitas plantas, pois se constituem no elo de procriação, já que são seus agentes polinizadores, como no caso dos beija-flores, insetos como borboletas, besouros e etc. Além disso, muitos são dispersores de sementes que necessitam passar por seu trato intestinal, como muitos mamíferos, sem contar que praticamente todos os animais são excelentes agentes adubadores. Também tem sua importância na cadeia alimentar. Dessa forma a fauna tem importância primordial na existência e desenvolvimento das áreas naturais, o que vale dizer ainda que são produtores indiretos dos benefícios econômicos que a exploração de madeira, frutas, resinas florestais, entre outros, podem proporcionar aos homens (www.ultimaarcadenoe.com/artigo32.htm).

7. MATA ATLÂNTICA

A Mata Atlântica é uma das florestas tropicais mais ameaçadas do mundo e o bioma brasileiro que mais sofreu os impactos ambientais dos ciclos econômicos da história do país. Englobava a área hoje equivalente a 17 estados, do Ceará ao rio Grande do Sul. Hoje está reduzida a apenas a 7% de sua área original. (SÁVIO FREIRE, 2008, p.9).

Nesse bioma foram desenvolvidos os ciclos econômicos do pau-brasil, da cana-de-açúcar, do algodão, do café e da extração de madeira para a indústria de papel e celulose no estado do Espírito Santo. Todas essas atividades foram exercidas sem planejamento ambiental, com desmatamento e destruição de habitat (SÁVIO FREIRE, 2008, p.9).

Á partir do século XIX e XX, a principal ameaça a mata atlântica passou a ser o intenso processo de urbanização e de expansão agrícola (SÁVIO FREIRE, 2008, p.9).

As estimativas indicam que esse bioma possui cerca de 20 mil espécies vegetais, metade das quais endêmicas. Paralelamente á riqueza vegetal, a fauna é o que mais impressiona na região. Muitos animais brasileiros ameaçados de extinção são originários da Mata Atlântica, como os micos-leões, a onça pintada, o tatu-canastra e a arara-azul-pequena - esta última já considerada extinta por alguns pesquisadores (SÁVIO FREIRE, 2008, p.9).

Composta de uma grande variedade de formações vegetais, a Mata Atlântica é um mosaico de vegetação. Seus remanescentes ainda preservam mananciais hídricos importantes, que abrangem as bacias dos rios Paraná, Uruguai, Paraíba do Sul, Doce, Jequitinhonha e São Francisco (SÁVIO FREIRE, 2008, p.9).

A destruição da Mata Atlântica chegou a tal ponto, que hoje já se faz necessário tratar de sua preservação e recuperação. Essa preservação e recuperação são fundamentais para a conservação de sua biodiversidade. Esse bioma tem por principal característica sua biodiversidade de animais e é considerado o maior bioma de diversidade do mundo.

7.1 PREJUÍZOS E BENEFÍCIOS DECORRENTES DA DESTRUIÇÃO OU PRESERVAÇÃO DESSA FORMAÇÃO VEGETAL NO BRASIL SOB O PONTO DE VISTA ECOLÓGICO E EVOLUTIVO.

Atualmente, da segunda grande floresta brasileira restam apenas cerca de 5% de sua extensão original. Em alguns lugares como Rio Grande do Norte nem vestígios, e o resultado é o agravamento da seca no nordeste. Sem a floresta, a umidade é insuficiente para provocar as chuvas. E os ventos que sopram do mar, não encontrando a barreira da floresta, levam o sal natural para a região do agreste, prejudicando sua vegetação. Do mesmo modo, os ventos deslocam as dunas, que assoreiam as lagoas existentes no litoral. Os grandes rios que cortam a área original da Mata Atlântica, o Paraíba, o São Francisco, Jequitinhonha, Doce e Paraíba do Sul, antigamente tinham águas cristalinas ou tingidas de preto pelas folhas em decomposição da floresta. Hoje suas águas são barrentas por causa dos sedimentos arrastados pela erosão do

solo desprotegido de vegetação, ou tão poluídas que são um perigo para a saúde (FERRI,1974).

A Mata Atlântica é considerada atualmente um dos mais importantes conjuntos de ecossistemas do planeta, e um dos mais ameaçados. As pouquíssimas ilhas de floresta que restam não podem desaparecer (FERRI,1974).

A destruição da biodiversidade e o desmatamento eliminam de uma só vez grande contingente de espécies muitas vezes desconhecidas. Além disso homogeneizam o ecossistema quando se implanta a monocultura (FERRI,1974).

A conservação e a recuperação da mata atlântica é um grande desafio. Proteger esse bioma significa proteger os recursos naturais que mantêm a população e atividades que tornam possível sua sobrevivência (SÁVIO FREIRE, 2008, p.9).

A Mata Atlântica é considerada um dos biomas brasileiro mais ameaçado e importante no ecossistema do planeta. Grande parte já foi devastada e o que resta ainda sofre ameaça, o que prejudica a sua biodiversidade. Na Mata Atlântica, o número de espécies endêmicas é alto, especialmente sua flora e sua fauna conta com variadas espécies.

Como se sabe, a fauna silvestre tem importância fundamental no equilíbrio dos ecossistemas em geral, pois muitos animais são vitais há existência de muitas plantas, pois constituem no elo de procriação já que são seus agentes polinizadores, dispersores de sementes e agente adubadores permitem a manutenção das populações.

8. ESPÉCIES AMEAÇADAS DE EXTINÇÃO OU JÁ CONSIDERADAS EXTINTAS NA MATA ATLÂNTICA BRASILEIRA.

8.1. MICOS: Gênero *Leontopithecus*

8.1.1 APRESENTAÇÃO

MICO-LEÃO-DE-CARA-DOURADA



Leontopithecus Chrysomelas Kuhl,1820

NOME COMUM: Sauim-una

ORDEM: Primates

FAMÍLIA: *Cebidae*

SUBFAMÍLIA: *Callitrichinae*

NOME EM INGLÊS: Golden Lion Tamarin

DISTRIBUIÇÃO NO BRASIL: Sul da Bahia e nordeste de Minas Gerais

CATEGORIA DE AMEAÇA: Em perigo

MICO-LEÃO-DOURADO



Leontopithecus Rosalia Linnaeus, 1766

NOME COMUM: Sauí-piranga

ORDEM: Primates

FAMÍLIA: *Cebidae*

SUBFAMÍLIA: *Callitrichinae*

NOME EM INGLÊS: Black Lion Tamarin

DISTRIBUIÇÃO NO BRASIL: Rio de Janeiro

CATEGORIA DE AMEAÇA: Em perigo

MICO-LEÃO-PRETO



Leontopithecus Chrysopygus Mikan, 1823

NOME COMUM: Sauim-preto

ORDEM: Primates

FAMÍLIA: *Cebidae*

SUBFAMÍLIA: *Callitrichinae*

NOME EM INGLÊS: Black Lion tamarin, Golden-rumped Lion Tamarin

DISTRIBUIÇÃO NO BRASIL: São Paulo

CATEGORIA DE AMEÇA: Criticamente em perigo

MICO-LEÃO-DE-CARA-PRETA



Leontopithecus Caissara LORINI & PERSON, 1990

NOMES COMUNS: Mico-Leão-Caiçara, Carinha-preta

ORDEM: Primates

FAMÍLIA: Cebidae

SUBFAMÍLIA: Callitrichinae

NOME EM INGLÊS: Black-Faced Lion Tamarin

DISTRIBUIÇÃO NO BRASIL: Paraná E São Paulo

HABITAT: Mata Atlântica

PESO: 500 a 700 Gramas.

LONGEVIDADE: Média de 8 a 12 anos.

TAMANHO: Cabeça e corpo: 20 a 33 cm; cauda: 31 a 40 cm

ALIMENTAÇÃO: Frutos, flores, goma, néctar e presas animais, “incluindo” répteis e insetos..

CATEGORIA DE AMEÇA: Criticamente em perigo

CAUSAS DA EXTINÇÃO: Caça ilegal e redução de habitat (SÁVIO FREIRE, 2008, P.44).

8.1.2 BIOLOGIA *Leontopithecus*

Os micos-leões são primatas de pequeno porte endêmicos da Mata Atlântica. A rica pelagem que forma uma juba semelhante a dos leões é responsável pelo nome. Possuem unhas em forma de garras e cauda maior que o corpo, que os auxilia imensamente no equilíbrio e lhes permite uma incrível agilidade nas árvores (SÁVIO FREIRE, 2008, p.45).

A família de micos-leões passa a noite quase sempre em oco de árvore e sai de manhã bem cedo para explorar o território em busca de frutos, néctar, flores e insetos, mas também pequenos vertebrados, como anfíbios e lagartixas. Territorialista, cada grupo demarca um território de 40 hectares de floresta com o propósito de ter uma área para suas andanças em busca de alimento (SÁVIO FREIRE, 2008, p.45).

Os casais são muito unidos e geram de um a três filhotes por vez. Mas na maioria das vezes, a fêmea dá à luz a dois filhotes. Com poucos dias após o nascimento, a mãe permite que todos os membros da família ajudem a cuidar dos pequenos, de forma que todo o grupo participa dos cuidados da prole. O pai é o que mais tempo permanece com as crias, entregando-os à mãe somente para a amamentação. Esta entra em nova atividade reprodutiva em até dez dias após o parto, com o tempo de gestação em torno de 4 meses e meio. Já os mais jovens só iniciarão sua atividade sexual entre 18 e 24 meses (SÁVIO FREIRE, 2008, p.45).

O MICO-LEÃO-DOURADO vive em florestas úmidas formando grupos com média de seis indivíduos. Há cerca de 15 anos chegou a ser classificado como “criticamente ameaçado”, mas esforços visando sua conservação obtiveram êxitos consideráveis, tirando-o de risco mais crítico. Encontrado no passado em boa parte de florestas litorâneas do Rio de Janeiro, atualmente restringe-se a poucos municípios desse Estado, e o trabalho de preservação ocorre principalmente na Reserva Biológica de Poço das Antas, no município de Silva Jardim (SÁVIO FREIRE, 2008, p.46).

O MICO-LEÃO-DE-CARA-DOURADA possui pelagem negra que lhe cobre todo o corpo, exceto ao redor da face, parte dos membros e dorso da cauda. As principais áreas protegidas para a espécie são a reserva Biológica de Una e a Reserva Particular do Patrimônio Natural da Serra do Teimoso, ambas na Bahia (SÁVIO FREIRE, 2008, p.46).

O MICO-LEÃO-PRETO tem pelagem negra, com exceção da anca e da base da cauda, que são castanhas ou marrom-amareladas. Diferentemente dos outros micos-leões, vive em uma região distante da costa. O Parque Estadual Morro do Diabo (SP) é o seu maior refúgio. A Estação Ecológica do mico-leão, no pontal do Paranapanema, também protege a espécie, considerada a mais rara dos micos-leões (SÁVIO FREIRE, 2008, p.46).

O MICO-LEÃO-DE-CARA-PRETA foi identificado por pesquisadores em 1990, na Ilha do Superagüi (PR), quando já se encontrava a beira de extinção. Sua cabeça, os antebraços, as mãos e os pés, bem como quase toda a cauda, são enegrecidos, e no restante do corpo predomina um tom laranja-dourado de beleza fascinante. As áreas de proteção incluem o Parque Nacional do Superagüi (PR), a Estação Ecológica de Guaraqueçaba (PR), a Área de

Proteção Ambiental de Cananéia-Iguapé-Peruíbe (SP) (SÁVIO FREIRE, 2008, p.46).

Todos os micos-leões são unicamente naturais do Brasil. As quatro espécies são facilmente diferenciadas pelas nuances de coloração da pelagem que apresentam, entre o dourado e o negro (SÁVIO FREIRE, 2008, p.46).

O primeiro passo para a preservação dos micos-leões é a preservação do seu habitat, ou seja, a Mata Atlântica.

Conforme visto acima, os micos-leões são espécies endêmicas da Mata Atlântica e podem ser encontrados em diversas localidades. Eles se alimentam de frutos, aproveitam os buracos nos troncos das árvores como abrigo, especialmente para dormitórios. Isso torna a espécie dependente da floresta, onde tais abrigos sejam disponíveis. Todos os Micos-Leões são unicamente do Brasil, o que indica que se a espécie for extinta, não será encontrada em outras partes do planeta.

8.1.3 AMEAÇAS

A caça, especialmente no passado, teve impacto expressivo na redução das populações desses primatas. A expansão agropecuária e a urbanização de áreas rurais são fatores diretamente relacionados à perda de diversidade biológica da floresta atlântica como um todo (SÁVIO FREIRE, 2008).

8.2 ONÇA-PINTADA



8.2.1 APRESENTAÇÃO:

Panthera Onca, LINNAEUS, 1758

NOMES COMUNS: Onça, Onça-Preta, Jaguaretê, Jaguar, Canguçu.

ORDEM: Carnívora

FAMÍLIA: Felidae

NOME EM INGLÊS: Jaguar.

DISTRIBUIÇÃO MUDIAL: Em registros passados, tinha distribuição desde o

Sudoeste dos Estados Unidos até o Norte da Argentina. atualmente, nas Planícies Costeiras do México, nos países da América Central e América do Sul.

DISTRIBUIÇÃO NO BRASIL: Originalmente em todos os estados, hoje está restrita à região norte, até o leste do maranhão, as partes do Brasil central e a algumas áreas isoladas das regiões sul e sudeste.

CATEGORIA DE AMEAÇA: Vulnerável.

HABITAT: Florestas com densa cobertura vegetal, matas, cerrados, e até áreas semidesérticas, desde que com disponibilidade de presas e próximas a ambientes aquáticos.

HÁBITO: Noturno e diurno. seu período de atividade inicia-se a entardecer, com picos de atividades nas primeiras horas do dia.

LONGEVIDADE: Acima de 20 anos.

TAMANHO: 110 a 185 cm.

PESO: Registros de 36 a 158 kg.

ALIMENTAÇÃO: Mamíferos de grande porte e médio porte, como capivaras, porcos-do-mato, antas, veados, cutias, tatus, bugios e gambás. Pode incluir também aves, peixes e répteis de médio e grande porte como jacarés e tartarugas.

CAUSAS DA EXTINÇÃO: Caça, fragmentos, destruição, alteração e redução do hábitat (SÁVIO FREIRE, 2008, p.128).

8.2.2 BIOLOGIA

A ONÇA-PINTADA é o maior felino das Américas. De corpo robusto, compacto e musculoso, com cauda e membros relativamente curtos, cabeça grande e arredondada, esse felino tem pelagem amarelada com manchas pretas, formando rosetas de vários tamanhos e com um ou mais pontos negros no seu interior. A onça-pintada pode ser negra, e suas rosetas, podem ser escuras, também; é necessário um pouco mais de atenção para serem vistas. Os dois casos pertencem à mesma espécie, com uma variação genética chamada “melanismo”, onças que é a concentração de pigmentação preta que ocorre nesse imponente animal. Nessas onças essa característica é comum. Em outras espécies, incluindo humanos, acontece o inverso, que é o albinismo (SÁVIO FREIRE, 2008, p.128).

Animal de intenso hábito noturno, descansa boa parte do dia perto de rios e lagoas,

mas sem deixar de ter atividade diurna. Ao entardecer aumenta a atividade deslocando-se em busca de uma presa. Ao patrulhar seu território, faz uso de bons pontos de observação, de onde é possível avistar longe. Nas primeiras luzes da manhã, torna-se ainda mais ativo, período propício à caça. Percorre distâncias que variam de 2 a 18 quilômetros em um só dia. A onça permanece próxima às margens de rios e lagos não só para saciar a sede: onde há água, há vida, e ela sabe disso. Localiza-se em locais assim para encontrar presas (SÁVIO FREIRE, 2008, p.128).

A onça-pintada alimenta-se de grande variedade de animais, como capivaras, caititus, gambás, tatus, jacarés e tantos outros que já somaram ao menos 85 espécies distintas. O peso médio de suas presas é 48 quilos (SÁVIO FREIRE, 2008, p.128).

O território do macho é bem maior que o da fêmea, podendo incluir o de várias delas simultaneamente. Nessa delicada distribuição, as áreas ocupadas pelas fêmeas podem abranger espaços de uso comum. O território varia de 10 a 259 quilômetros quadrados. Para marcar seu território, arranham as árvores com suas garras, urinam e vocalizam, com grunhidos e rugidos (SÁVIO FREIRE, 2008, p.128).

De hábitos solitários, essa onça é encontrada aos pares no período de acasalamento e quando a fêmea cuida dos filhotes. Podem se reproduzir em diferentes épocas do ano. A fêmea dá à luz um ou dois filhotes, que são acomodados em cavernas, tocas ou sob troncos caídos. Abre os olhos de 3 a 13 dias após o nascimento e, com 40 dias, chegam a passar dos 3 quilos. Permanecem com a mãe cerca de dois anos, tempo que têm para aprender a caçar e sobreviver (SÁVIO FREIRE, 2008, p.128,129).

Em regiões como pantanal, floresta amazônica e a mata atlântica, a onça-pintada coexiste com a onça-parda. Nessas áreas, o uso de habitat diferente parece ser a estratégia para evitar confrontos, tendo a onça-pintada preferência por regiões úmidas e a onça-parda por áreas mais secas e altas (SÁVIO FREIRE, 2008, p.129).

As onças-pintadas que vivem em florestas fechadas, como a amazônica, são menores e mais escuras que as que vivem em ambientes abertos, como cerrado e pantanal. Isso pode ser explicado pela quantidade de alimento e presas de grande porte nos ambientes abertos. O porte avantajado também é necessário para abatê-las (SÁVIO FREIRE, 2008, p.129).

A onça-pintada nada e mergulha com grande agilidade. É também excelente escaladora e quase tão arborícola quanto seu parente africano, o leopardo (*Panthera pardus*). Dentre os grandes felinos do gênero *Phantera*, como leões, tigres e leopardos, a onça-pintada é a única representante viva das Américas (SÁVIO FREIRE, 2008, p.129).

Phantera onca (Onça-Pintada) é o maior felino das Américas. No Brasil, a espécie é

encontrada em um grande número de biomas (Floresta Amazônica, Pantanal, Cerrado e Mata Atlântica). Ela utiliza locais com densa cobertura vegetal, de preferência úmido, como matas de galeria, margens de rios e lagoas. A Onça-Pintada consome grande variedade de animais, o que a caracteriza como um dos predadores de topo. Na dependência dos recursos alimentares, possuem grandes áreas de uso, realizam grandes deslocamentos e apresentam baixas densidades populacionais.

8.2.3 AMEAÇAS

A redução e fragmentação dos biomas brasileiros, especialmente os florestais, assim como a caça, têm sido os principais fatores que ameaçam a onça-pintada. A diminuição de presas na natureza tem levado algumas delas a procurar alimento em rebanhos domésticos. Capturas ilegais por proprietários rurais também contribuem ano a ano para a diminuição da população desse grande felino (SÁVIO FREIRE, 2008, p.129).

8.4 TATU-CANASTRA



8.4.1 APRESENTAÇÃO:

Priodontes maximus KERR, 1792

NOMES COMUNS: Tatu-açu, tatu-carreta

ORDEM: *Xenarthra* (=Edentata)

FAMÍLIA: *Dasyopodidae*

NOME EM INGLÊS: Giant armadillo

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Leste da América do Sul; da Venezuela e Guianas até a Argentina.

DISTRIBUIÇÃO NO BRASIL: Acre, Amazonas, Pará, Bahia, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Paraíba, Piauí, Rondônia, Roraima e Tocantins.

CATEGORIA DE AMEAÇA: Vulnerável

HABITAT: Cerrados e matas

HÁBITO: Diurno e noturno.

LONGEVIDADE: 12 a 15 anos.

TAMANHO: Até 1 metro da cabeça ao corpo e aproximadamente 50 cm de cauda.

PESO: Até 60 kg.

ALIMENTAÇÃO: Formigas, cupins, larvas de insetos, aranhas, escorpiões, frutos e ovos.

CAUSAS DA EXTINÇÃO: Caça e destruição de hábitat. (SÁVIO FREIRE, 2008, p.110).

8.4.2 BIOLOGIA

A maior das espécies vivas de tatus, o TATU-CANASTRA distingue-se facilmente das demais pelo seu tamanho e garras robustas. O corpo é maciço, mas flexível, devido ao grande número de cintas móveis que formam uma carapaça e que não só recobre o peito, mas também o ventre e as patas. A cabeça é alongada e pequena, o focinho tem formato de cone e as orelhas são curtas e ovais. A cauda é longa e tem pequenas escamas pentagonais. Quase não há pêlos no corpo. As patas têm uma coloração cinza com bordas amareladas e possuem garras, que são maiores nas dianteiras, com a unha central podendo chegar a 20 centímetros. Os dentes vão se perdendo ao longo de sua existência (SÁVIO FREIRE, 2008, p.110).

O tatu-canastra tem o olfato bastante aguçado, o que é fundamental para capturar suas presas. Os demais sentidos são pouco desenvolvidos, e ele não é capaz de notar cores. Apesar do peso, é um animal ágil e poderoso escavador, capaz de escavar rapidamente um túnel embaixo da terra. Sua toca pode conter diversos corredores e câmaras. De hábitos solitários, pode ser visto em pares apenas na época reprodutiva. O período de gestação é de cerca de quatro meses, com a fêmea parindo um a dois filhotes. (SÁVIO FREIRE, 2008, p.110).

A dieta da espécie constitui-se principalmente de cupins e formigas (CARTER 1983, REDFORD 1985), obtidos diretamente em suas colônias, atacadas por meio de grandes buracos que chegam a penetrar as câmaras de reprodução desses insetos. Os termiteiros e formigueiros utilizados por tatus-canastra geralmente não sobrevivem ao ataque, sendo a espécie, portanto, um elemento bastante importante para o funcionamento e controle dos ecossistemas onde ocorrem (MACHADO, 1998 p.48).

O tatu é um dos bichos que não podem ser caçados no Brasil. Muita gente caçava tatu

para comer sua carne e usar sua armadura, muito resistente, para fazer utensílios. É bom lembrar que o tatu pode transmitir toxoplasmose pela carne.

Apesar de sua distribuição abranger todo o território brasileiro, a grande pressão de caça, somada à transformação dos campos e cerrados, seu hábitat natural, fizeram desta uma espécie seriamente ameaçada de extinção e talvez um dos primeiros animais destinados a desaparecer da lista da nossa fauna. É a maior espécie viva de tatu no mundo.

8.4.3 AMEAÇAS

O tatu-canastra tornou-se um alvo de caça devido principalmente à abundância de sua carne. A transformação nos campos e cerrados habitat dessa espécie pela ocupação humana também contribuindo para a destruição dessa espécie (SÁVIO FREIRE, 2008, p.111).

8.5 ARARA-AZUL-PEQUENA



8.5.1 APRESENTAÇÃO

Anodorhynchus Glaucus VIEILLOT, 1816

NOMES COMUNS: Arara-azul-claro, arara-celeste, arara-preta, araraúna e araúna

ORDEM: *Psittaciformes*

FAMÍLIA: *Psittacidae*

NOME EM INGLÊS: Glaucous macaw

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Leste do Paraguai, Sul do Brasil, Oeste do Uruguai e Norte da Argentina.

DISTRIBUIÇÃO NO BRASIL: Sul do Brasil.

CATEGORIA DE AMEAÇA: Considerada extinta.

HABITAT: vivia nas baixadas com palmeiras as margens dos rios (Uruguai, Paraná e Paraguai). como não há relatos comprovados, supõe-se que construía ninhos em cavidades dos barrancos de rio, paredões rochosos ou cavidades arbóreas.

HÁBITO: Diurno.

LONGEVIDADE: Desconhecida.

TAMANHO: 68 a 72 cm.

PESO: Desconhecido.

ALIMENTAÇÃO: Frutos das palmeiras como o butiá e o tucum, ou frutas da estação.

CAUSAS DA EXTINÇÃO: Caça e captura como animal de estimação, catástrofe natural, redução de variabilidade genética ou descaracterização do ambiente natural com o assentamento humano ao longo dos rios.

8.5.2 BIOLOGIA

A arara-azul-pequena (*Anodorhynchus glaucus*) é uma arara encontrada na baixa bacia dos rios Paraná e Uruguai, na Argentina, Paraguai, Uruguai e Sul do Brasil. É parente da arara-azul-grande e da arara-azul-lear. Também é conhecida pelos nomes de arara-azul-claro, arara-celeste, arara-preta, araraúna e araúna. É considerada extinta por muitos pesquisadores por não ser avistada na natureza há mais de 80 anos, sendo que não existem exemplares em cativeiro (www.bichosbrasil.com.br/animais-em-extincao/arara-azul-pequena).

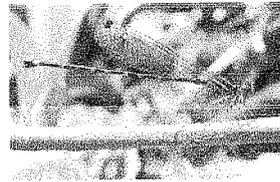
A arara-azul-pequena mede 70 cm de comprimento. Possui uma plumagem azul turquesa com uma grande cabeça acinzentada. Ela tem uma longa cauda e um forte bico, possui anéis amarelos em forma de meia lua contornando a mandíbula (www.bichosbrasil.com.br/animais-em-extincao/arara-azul-pequena).

Considerada extinta, pois não foi localizado nenhum indivíduo na natureza e nem em cativeiro (CITES I). E os exemplares taxidermizados (empalhamento científico) conhecidos pertencem a coleções de museus no exterior. Com população muito pequena e rara antes ou no início do século XIX, desapareceu antes de ser bem conhecida. As hipóteses sobre a extinção são caça e captura como animal de estimação, catástrofe natural, redução de variabilidade genética ou descaracterização do ambiente natural com o assentamento humano ao longo dos rios. Possui coloração azul, muito semelhante à *Arara leari*. E também possui o anel em volta do olho e a barbela (pele em torno da base da mandíbula) de cor amarela. A diferença está no tom de azul e amarelo e no seu comprimento (www.bichosbrasil.com.br/animais-em-extincao/arara-azul-pequena).

Pouco se sabe dessa espécie, que é considerada extinta a mais de 80 anos, pois

desapareceu bem antes de ser conhecida. Existem várias hipóteses sobre sua extinção e só existe exemplares taxidermizados conhecidos, pertencentes a museus no exterior.

8.6 LIBÉLULA



8.6.1 APRESENTAÇÃO:

Leptagrion acutum SANTOS, 1961

NOMES COMUNS: Libélula, cabalo-de-judeu, lava-bunda, lavadeira, molha-horta, jacinta, papa-fumo.

NOME EM INGLÊS: Damselfly

DISTRIBUIÇÃO: Norte do Espírito Santo

CATEGORIA DE AMEAÇA: Em perigo

HÁBITAT: Mata atlântica (mata de tabuleiro)

HÁBITO: Diurno.

LONGEVIDADE: Estima-se que viva de oito meses a um ano e dois meses.

TAMANHO: 5,1 a 5,5 cm

PESO: Desconhecido

ALIMENTAÇÃO: Principalmente mosquitos.

CAUSAS DA EXTINÇÃO: Incêndios em florestas; fragmentação e redução de habitat (SÁVIO FREIRE, 2008, p.92).

8.6.2 BIOLOGIA

Endêmica da Mata Atlântica, esta é uma LIBÉLULA muitíssimo rara: seus últimos registros datavam de 1965 e foram realizados no município de Conceição da Barra, no norte do Espírito Santo. Mas, recentemente, essa espécie de libélula foi redescoberta na reserva Biológica Córrego Grande, naquele mesmo município, sugerindo sua preferência pelas áreas de floresta de tabuleiro da região. Essas florestas são consideradas uma variação da floresta ombrófila densa do corredor Central da mata atlântica. (SÁVIO FREIRE, 2008, p.92).

A População redescoberta dessa libélula em Córrego Grande é a única conhecida na atualidade. As libélulas são insetos que possuem a fase larvar no ambiente aquático e a fase adulta em ambientes terrestres, com grande destreza em vôos. Sabe-se que o gênero *Leptagrion* interage com bromélias, utilizando-se da água que se acumula entre as folhas dessa planta para ali se desenvolvam usa larvas. Também conhecidas como ninfas, atuam predando outros invertebrados naquele meio. (SÁVIO FREIRE, 2008, p.92).

As libélulas, quando adultas, possuem os olhos compostos bem desenvolvidos, um tórax pequeno, seguido de abdômen fino e comprido. Dois pares de asas bem transparentes compõem o conjunto que, de certo, inspirou Santos Dumont na construção do *Demoiselle*. (SÁVIO FREIRE, 2008, p.92).

As libélulas atuam como importantes controladores de qualidade ambiental. Pesquisadores estudam as libélulas que tenham potencial para impedir a proliferação de doenças, como a dengue, transmitida pelo mosquito *Aedes Aegypti*. Muitas espécies já se mostram eficientes, tanto para atuarem como predadores do mosquito jovem (na água estagnada) quanto do adulto. (SÁVIO FREIRE, 2008, p.93).

É uma espécie muito rara e recentemente encontrada. Tem grande importância para a floresta ombrófila, pois interagem com as bromélias, utilizando a água que se acumula entre as folhas para depositar suas larvas. São importantíssimas controladoras da qualidade ambiental.

8.6.3 AMEAÇAS

As principais ameaças à espécie são a fragmentação e a redução de seu habitat natural, a degradação ambiental, os incêndios (intencionais ou acidentais) e a coleta de bromélias em seu ambiente natural. Essa ameaça está relacionada à importância das bromélias para a sua sobrevivência e reprodução, onde a libélula (*leptagrion acutum*) deposita seus ovos e ocorre o desenvolvimento do estágio de larvar. (SÁVIO FREIRE, 2008, p.93).

9. CONCLUSÃO:

Como se sabe, a fauna silvestre tem importância fundamental no equilíbrio dos ecossistemas em geral, e de muitas plantas. Pelo exposto, percebe-se que a vida selvagem tem primordial importância no contexto global da Terra e influência substancial para o ser humano – biológica e economicamente, de forma que sua proteção seja fundamental.

Pode-se concluir ainda que, só haverá vida selvagem em determinada região se houver fauna selvagem em sintonia com a flora selvagem, de maneira que a preservação das áreas naturais florestadas é de suma importância para a sua manutenção, devendo ser por tudo isso um dos objetivos da humanidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- **BRUNO**, Sávio Freire. **100 animais ameaçados de extinção no Brasil**- e o que você pode fazer para evitar/Sávio Freire Bruno; organização Pedro Almeida; produção André Fonseca.- São Paulo: Ediouro, 2008.
- FERRI**, Mário Guimarães. **Ecologia**: temas e problemas brasileiros. Editora: Itatiaia São Paulo, vol 3, 1974.
- FUTUYMA**, Douglas J., 1942 – **Biologia evolutiva** / Douglas J. Futuyma; coordenador da tradução Mario de vivo; coordenador da revisão técnica Fábio de Melo Sene. -- 2. ed. Ribeirão Preto : FUNPEC-RP, 2002.
- MACHADO**, Ângelo B. M et al. **Livro Vermelho das espécies ameaçadas de extinção da Fauna de Minas Gerais** / Editores: Ângelo Barbosa Monteiro Machado...[et al.]. – Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas, 1998.
- BICHOS BRASIL*: <http://www.bichosbrasil.com.br/-animais-em-extincao/arara-azul-pequena>>. Acesso em: 13 nov. 2010.
- COMO TUDO FUNCIONA*: <http://ciencia.hsw.com.br/extincao-animais2.htm>>. Acesso em 13 nov. 2010
- A ÚLTIMA ARCA DE NOÉ*: <http://www.ultimaarcadenoe.com/artigo32.htm>>. Acesso em 13 nov.2010